

Clóvis Reis

É doutor em Comunicação pela Universidad de Navarra (Espanha), professor da FURB – Universidade Regional de Blumenau, membro do grupo de pesquisa Estudos Midiáticos Regionais.

Email: clovis@furb.br.

Currículo Lattes:

[http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/6005495485532707)

[br/6005495485532707.](http://lattes.cnpq.br/6005495485532707)

Taxonomia dos gêneros jornalísticos no rádio: proposta de uma nova tipologia

Taxonomy of journalistic genres on the radio: proposal for a new typology

Taxonomía de los géneros periodísticos en la radio: propuesta de una nueva tipología

51

RESUMO

O estudo dos gêneros jornalísticos no rádio caracteriza-se, basicamente, pela transposição das tipologias do jornalismo impresso. Entretanto, singularidades como o suporte exclusivamente sonoro, a fugacidade da mensagem, as propriedades da comunicação oral e a presença de elementos linguísticos não verbais, ao mesmo tempo em que constituem uma linguagem própria do meio, condicionam as modalidades de construção da narrativa radiofônica. O presente trabalho busca suprir tal lacuna, propondo a identificação dos gêneros jornalísticos a partir das características estruturais que as mensagens apresentam no rádio. A continuidade da pesquisa permitirá, num segundo momento, a proposição de uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos específica para o meio rádio.

Palavras-chave: gênero; gênero jornalístico; gênero radiofônico; rádio.

ABSTRACT

The study of journalistic genres on the radio is characterized basically by the transposition of typologies that are proper of print journalism. However, singularities such as the exclusively sonorous structure, the swiftness of the message, the properties of oral communication, and the presence of non-verbal elements constitute a new language and demand the construction of radio narratives. The present study attempts to overcome this gap and proposes the identification of journalistic genres considering the structural features of messages on the radio. In a second moment, further researches will allow the proposition of a new typology of journalistic genres specific for the radio environment.

Keywords: genres; journalistic genres; radio genres; radio.

RESUMEN

El estudio de los géneros periodísticos en la radio se caracteriza básicamente por la transposición de las tipologías propias del periodismo impreso. Sin embargo, singularidades como el soporte exclusivamente sonoro, la fugacidad del mensaje, las propiedades de la comunicación oral y la presencia de elementos lingüísticos no verbales, al tiempo en que constituyen un lenguaje propio del medio, condicionan las modalidades de construcción de la narrativa radiofónica. El presente trabajo busca superar dicha insuficiencia, y propone la identificación de los géneros periodísticos a partir de las características estructurales que los mensajes presentan en la radio. La realización de la investigación permitirá, en la próxima etapa, la organización de una nueva tipología de los géneros periodísticos específica para la radio.

Palabras claves: genero; género periodístico; género radiofónico; radio.

Data de submissão – 19/10/2009

Data de aceite – 7/10/2010

Introdução

Em jornalismo, a definição de gênero se articula a partir da relação entre o texto e sua função ou finalidade, posto que os diferentes gêneros são uma resposta estrutural e estilística às diferentes necessidades expressivas dos homens (SÁNCHEZ; LÓPEZ PAN, 1998). Assim, os gêneros jornalísticos cumprem uma determinada função e servem como horizonte de expectativa para que o receptor entenda qual é a atitude com que o jornalista afronta a realidade e qual é a finalidade do texto (MARTÍNEZ-COSTA, 1989). Neste sentido, são de grande utilidade para o jornalista e para o leitor, telespectador ou ouvinte, proporcionando um “pacto de leitura” entre o autor e o receptor da mensagem (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2005).

No Brasil, um dos pesquisadores de referência nesta área é Marques de Melo (1985), para quem gênero jornalístico é o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para seu público. A partir de uma distinção clássica do jornalismo britânico, que separa os textos entre *news* e *comments*, o autor propõe que os relatos se dividem entre informativos (aqueles que narram fatos) e opinativos (aqueles que expressam ideias sobre os fatos). Na primeira categoria incluem-

se a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista, enquanto a segunda abrigaria o editorial, o comentário, o artigo, a resenha ou crítica, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta.

Tal distinção está presente nos manuais de redação dos principais veículos de comunicação do Brasil. O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992), o Manual de Redação e Estilo de O Globo (1992) e o Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (1997) tratam de forma diametralmente oposta as duas classes de textos (informativos e opinativos).

Em *Jornalismo: compreensão e reinvenção*, Marques de Melo (2009a) apresenta uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos, ampliando o elenco de classificação das mensagens de duas para cinco categorias, nas quais se agrupam as diferentes modalidades de construção do texto. São elas:

1. **informativa**, que congrega a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista;
2. **opinativa**, que abriga o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta;
3. **interpretativa**, que reúne a análise, o perfil, o dossiê, a enquete e a cronologia;
4. **utilitária**, que compreende o serviço, o roteiro, o indicador e a cotação;
5. **diversional**, que contempla a história de interesse humano e a história colorida.

Entretanto, os avanços que se observam na pesquisa sobre os gêneros jornalísticos na mídia impressa – da qual Marques de Melo (2009b) facilita prolífico levantamento – não se observam nos estu-

dos sobre o meio rádio. Efetivamente, ainda são incipientes os trabalhos que tenham como foco exclusivo os gêneros radiofônicos. Martinez-Costa e Herrera (2005) apontam um estancamento de tais pesquisas, observando que na atualidade os estudos priorizam aspectos relativos à programação, produção e tecnologia de transmissão. Além disso, advertem que, em geral, as classificações fazem uma mera transposição de gêneros do jornalismo impresso, desconsiderando as características próprias do rádio, como o suporte exclusivamente sonoro, a fugacidade da mensagem, as propriedades da comunicação oral e a presença de elementos linguísticos não verbais na elaboração da mensagem. Tais singularidades, porém, constituem uma linguagem própria do meio e condicionam as modalidades de construção da narrativa. Por isso, os autores consideram necessário o desenvolvimento de uma teoria dos gêneros jornalísticos específica para o meio rádio e que amplie as propostas disponíveis na atualidade.

No caso brasileiro, Marangoni (1998), Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009) conjugam a revisão da literatura com a análise empírica de casos de estudo, descrevendo os gêneros jornalísticos mais frequentes na programação das emissoras de rádio.

Efetivamente, Barbosa Filho (2003) dá uma valiosa contribuição aos estudos na área, propondo uma classificação das diferentes modalidades de narrativa radiofônica, na qual identifica os seguintes gêneros: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial. O autor divide os gêneros jornalísticos veiculados no rádio em nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal,

documentário jornalístico, mesa-redonda ou debate, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

Entretanto, a classificação agrupa numa mesma categoria tanto estruturas classificadas como gêneros quanto produtos definidos como programas. Os gêneros constituem modalidades de construção da mensagem, enquanto os programas são um conjunto de conteúdos com uma organização própria, diferenciada, horário e duração previamente determinados, condicionados pelos recursos técnicos, humanos e econômicos, e com previsão de emissão durante um determinado tempo (CEBRIÁN HERREROS, 1994). Um programa comporta o emprego de vários gêneros. O radiojornal, por exemplo, inclui a emissão de notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas, entre outras modalidades.

O presente trabalho busca suprir tal lacuna, dando sequência a pesquisas anteriores do autor (REIS; ZUCCO; RAMOS, 2007; REIS, 2009). Em concreto, a investigação propõe a identificação dos gêneros jornalísticos a partir de uma abordagem que: a) contemple as várias modalidades de construção do texto jornalístico no rádio; b) explique a função/intencionalidade das diferentes classes de estrutura; e c) descreva os gêneros jornalísticos levando em conta os elementos da linguagem radiofônica empregados na elaboração das mensagens. A continuidade deste estudo permitirá, num segundo momento, a proposição de uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos específica para o meio rádio.

Nesse percurso teórico, a investigação tem como referência taxonômica a proposta metodológica de Marques de Melo (2009a), que estabelece a seguinte

hierarquia de classificação textual: gênero (classe que agrupa unidades de mensagem) → formato (estrutura derivada dos diferentes gêneros) → tipo (realização concreta das várias espécies de texto).

Desenvolvimento

Balsebre (1994) afirma que o rádio cumpre três funções, sendo um meio de expressão, de comunicação e de difusão. O autor se interessa, sobretudo, pelas características expressivas do rádio e reivindica para o meio uma função estético-comunicativa, que comece na beleza do sonoro e termine na interação comunicativa entre o emissor e o receptor da mensagem.

Neste sentido, define a linguagem radiofônica como o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio. O processo de significação da linguagem radiofônica depende do conjunto de recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e dos vários fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes.

Cada um dos elementos expressivos da linguagem radiofônica – palavra, música, efeitos sonoros e silêncio – é em si mesmo extremamente rico. Quando combinados, perdem a unidade conceitual. Exerce-se uma interação modificadora, que dá como resultado um novo conceito, o de linguagem radiofônica, cuja totalidade se percebe como algo superior à soma das partes (PRADO, 1981).

Ainda que a palavra ocupe uma função de grande relevância, não se pode afirmar que seja exclusivamente a parte mais importante da linguagem radiofônica. Palavras, músicas, efeitos e silêncios resultam

igualmente significativos. Todos são elementos sonoros necessários para potencializar as possibilidades expressivas do meio (MERAYO PÉREZ, 2002).

No processo de recriação da realidade, intervêm fatores como a fugacidade da mensagem, o suporte exclusivamente sonoro para o transporte do conteúdo, a distância entre o emissor e o receptor e as condições de recepção de um público indiscriminado. Neste sentido, o discurso radiofônico possui regras e códigos de expressão próprios. A narrativa radiofônica se diferencia da narrativa tradicional pelas seguintes particularidades, que Faus Belau (1973) aponta:

- os processos de criação e de elaboração têm diferentes intenções e são condicionados por distintos suportes físicos (no caso do rádio, somente o som) e forma de execução;
- o rádio oferece possibilidades de expressão distintas, porque seu texto é escrito para ser ouvido. A condição não empobrece a narrativa radiofônica, mas, sim, incorpora elementos (como a música, os efeitos, o silêncio etc.), que ampliam as possibilidades comunicativas e afetam a intencionalidade da mensagem;
- a forma de recepção da mensagem é distinta: leitura *versus* escuta, olhos *versus* ouvidos. De uma narrativa escrita se passa a uma narrativa falada, do campo visual ao auditivo;
- as possibilidades de compreensão não são as mesmas: a narrativa do rádio é fugaz, enquanto o texto impresso é permanente, o que afeta a compreensão da mensagem.

Desse modo, pode-se dizer que a linguagem radiofônica situa-se entre o texto escrito e o oral, porque baseia sua carga expressiva tanto na palavra

como em outros elementos sonoros e não sonoros. A mensagem participa tanto das condições de produção dos textos escritos como da forma dos textos falados e não lidos (MARTÍNEZ-COSTA, 2002).

Portanto, trata-se de um modo distinto de comunicar e, nesse contexto, desenvolve-se a linguagem radiofônica, padronizada em técnicas que facilitam a interação entre o emissor e o receptor. O primeiro necessita conhecer as características do suporte para a eficácia da mensagem, o que significa a adequação do conteúdo à estrutura (e vice-versa), enquanto o segundo encontra-se exposto a circunstâncias físicas que atuam sobre a decodificação da mensagem.

O ponto de partida é o fato de o rádio ser exclusivamente sonoro. Diferentemente da televisão, do cinema, das revistas, dos jornais, da internet e da mídia exterior, o rádio não tem imagens. O rádio é um meio cego (MERAYO PÉREZ, 1992, p. 20). Sua possibilidade de comunicação funda-se inteiramente na capacidade de transformar a realidade física em imagens mentais. Por esta razão, Olmo (1998, p. 37) afirma que o rádio é o meio que permite ver com os ouvidos, enquanto Schulberg (1992, p. 5) define o rádio como o teatro da mente.

A palavra, o silêncio e as pausas criam um campo acústico imaginário, diferente para cada ouvinte, de acordo com sua capacidade de atenção e abstração. Entre as características do rádio derivadas de sua linguagem destacam-se a emoção e a imaginação, o diálogo pessoal, a escuta compatível com outras atividades e a efemeridade das mensagens.

No rádio, o locutor é um amigo que aconselha, que fala no volume e no tom adequados, o que estabelece uma audiência cativa e outorga à programação

radiofônica uma aparente individualização. Nesse mundo pós-mídia de massa, o rádio é o “meio pessoal definitivo”, nas palavras de Schulberg (1992, p. 1), ou o “mais pessoal dos meios de massa”, como o chamam Russel e Lane (1993, p. 226).

Tais condições conformam algumas características que distinguem o rádio de outros meios e que, em consequência, impõem um marco próprio de funcionamento. Uma identificação dos gêneros jornalísticos que levasse em conta as peculiaridades da linguagem radiofônica incluiria, entre outros, os seguintes âmbitos descritivos:

- as diferentes vozes que intervêm na emissão da mensagem (repórter, entrevistado, apresentador etc.);
- as técnicas narrativas empregadas na construção do texto;
- finalidade da mensagem;
- características gerais de estilo;
- a utilização de fundos musicais;
- o emprego de efeitos sonoros;
- pausas, entonações e silêncios;
- modo de emissão (ao vivo, gravado ou misto);
- tipo de inserção (avulso, durante um programa ou autônomo);
- contexto de difusão (modelo de programação da emissora de rádio, perfil da audiência, área de cobertura, suporte de transmissão etc.);
- condições de uso/percurso sócio-histórico do gênero;
- tempo ou duração da mensagem;
- outras características técnicas.

O emprego dessas variáveis revelou-se extremamente útil em estudos anteriores realizados pelo autor (REIS, 2004; REIS, 2008) e permitiu a identificação,

descrição e classificação dos seguintes formatos de anúncios publicitários veiculados no rádio: *spot*, *jingle*, patrocínio, testemunhal, unidade móvel, guia comercial, programete ou microprograma, programa e ações especiais de marketing. No caso do formato testemunhal, o estudo identificou, ademais, os seguintes tipos de testemunhal: texto avulso, menção, prescrição, “reportagem” publicitária, “entrevista” comercial e concurso.

Referida estratégia metodológica coincide, parcialmente, com uma proposta de Martinez-Costa e Herrera (2004), cujo modelo para o estudo dos gêneros radiofônicos prevê o emprego de quatro âmbitos descritivos. São eles: conteúdo da mensagem, recursos estilísticos utilizados, condições de produção e integração do produto à programação radiofônica.

Não obstante, em uma classificação dos gêneros jornalísticos, Merayo Pérez (2002) considera que resultaria particularmente difícil uma separação entre textos informativos e opinativos, e aponta uma suposta tendência à mistura de notícias e comentários na veiculação dos conteúdos. Segundo ele, as especificidades do meio que dificultam uma limitação clara entre a apresentação e a avaliação dos fatos seriam as seguintes:

- o emprego da voz humana inclui conotações dramáticas e a locução no rádio supõe uma inevitável carga subjetiva relacionada à entonação;
- o uso da comunicação oral, com características semânticas mais complexas do que na comunicação escrita, apoia-se em expressões coloquiais que, frequentemente, produzem interpretação ambígua;

- o caráter irreversível da mensagem radiofônica, o que motiva a interpretação de que o que se diz no rádio tem menos importância do que a mensagem escrita;
- o rádio oferece menos possibilidades para uma separação formal entre fatos e opiniões, diferentemente da imprensa, que dispõe de abundantes recursos visuais para isolar um gênero do outro;
- alguns elementos da linguagem radiofônica, como as músicas, os efeitos e os silêncios, introduzem na narração complementos de grande emotividade, que denotam uma opinião sobre os fatos.

Desse modo, Merayo Pérez propõe para o rádio uma distinção entre os gêneros jornalísticos estruturados em torno de um monólogo e os gêneros jornalísticos articulados por meio do diálogo. Convém observar que o diálogo e o monólogo são critérios de classificação para a apresentação de conteúdos que também permeiam os estudos de Faus Belau (1973) e de Cebrián Herreros (1994).

A primeira categoria (monólogo) incluiria a apresentação dos conteúdos realizada por um ou vários locutores que intencionalmente não dialogam entre si ou com uma terceira pessoa, como é o caso da nota, da crônica, do editorial ou do comentário. A segunda categoria (diálogo) agruparia as estruturas narrativas que se configuram com a participação de diferentes pessoas no discurso, como é o caso da entrevista, da reportagem, do debate e da mesa-redonda.

Num esforço de aproximação teórica aos pressupostos elencados anteriormente, propõe-se a seguir uma

primeira descrição dos gêneros jornalísticos veiculados nas emissoras de rádio. A apresentação constitui o esboço inicial dos resultados que se buscam com uma investigação ainda em andamento, cujo objetivo é o inventário dos gêneros jornalísticos emitidos no rádio e sua classificação a partir das características da linguagem radiofônica. O caráter introdutório da presente abordagem serve de advertência para a necessidade de pesquisas que complementem a referida identificação.

Nota

A nota é o relato sintético de um fato atual, destinado à informação rápida. No rádio, suas características principais são a duração breve e a transmissão das informações mediante o uso de frases curtas e diretas na voz de um único apresentador. A nota não comporta tratamento sonoro agregado (fundos musicais, efeitos sonoros etc.), incorporando-se a um conjunto de outras modalidades de relatos que compõem determinado espaço informativo.

Notícia

A notícia é o relato a partir dos elementos básicos de um fato e sua breve explicação. No rádio, suas características são a duração breve e a estruturação em quatro partes (abertura, entrada, desenvolvimento e fechamento), apresentadas por dois ou mais locutores, dependendo da quantidade de informações. Diferentes vozes podem intervir na apresentação da notícia. Em geral, não se empregam fundos musicais ou efeitos sonoros durante sua emissão.

Reportagem

A reportagem é o relato que engloba as diversas

variáveis do acontecimento, oferecendo o maior número possível de informações a respeito de um fato. No rádio, a reportagem inclui abertura, entrada, desenvolvimento, sonoridade e fechamento, com realização ao vivo ou gravada, na rua ou no estúdio. As reportagens dividem-se em básicas, documentais, investigativas e atemporais. A produção radiofônica da reportagem comporta tratamento sonoro que inclui o emprego de fundos musicais, efeitos sonoros, espaços de silêncio etc. Diferentes vozes intervêm durante a reportagem (repórter, entrevistados, apresentador).

Entrevista

A entrevista é uma conversa/diálogo, sob a forma de perguntas e respostas, em que o entrevistador colhe informações, interpretações e opiniões do entrevistado. No rádio, as entrevistas são realizadas ao vivo ou gravadas; no estúdio, por telefone ou no local dos fatos; de forma individual ou coletiva. Dividem-se em biográficas e de declarações.

Comentário

O comentário é a análise, interpretação e avaliação de um fato, segundo a opinião de um autor identificado. No rádio, estrutura-se da seguinte forma: abertura (referência a um fato de atualidade), entrada (menção do tema), desenvolvimento e fechamento. Os comentários usam formas próprias da linguagem coloquial e se dirigem diretamente ao ouvinte.

Editorial

O editorial expressa, de maneira impessoal e sem identificação do autor, o ponto de vista da emissora a respeito de determinado assunto. Com duração

relativamente breve, estrutura-se em quatro partes: explica os fatos, apresenta os antecedentes, prevê consequências e implicações e, a partir daí, faz um julgamento. Trata-se de um gênero jornalístico pouco empregado no rádio na atualidade.

Crônica

A crônica mescla informação com interpretação. A autoria, o estilo livre, aí incluído o tom de voz, e a permanente referência aos fatos de atualidade são características marcantes. É veiculada ao vivo ou gravada, permitindo tratamentos sonoros diferenciados, de acordo com o contexto de sua difusão.

Documentário

O documentário é um relato jornalístico gravado, de longa duração, diversidade narrativa e rigoroso tratamento sonoro, incluindo a reconstituição dos fatos com o emprego de dramatizações, características que o diferenciam tanto da grande reportagem quanto das obras de ficção. Trata-se de um gênero jornalístico pouco empregado no rádio na atualidade. A produção radiofônica do documentário comporta tratamento sonoro que inclui fundos musicais, efeitos sonoros, espaços de silêncio etc. Diferentes vozes intervêm durante a reportagem (repórter, entrevistados, apresentador).

Mesa-redonda ou debate

A mesa-redonda ou debate é um gênero que permite a participação de vários entrevistados, os quais dão informações, fazem interpretações e expressam opiniões a respeito dos fatos, num diálogo entre os participantes e o apresentador, que orienta e disci-

plina a discussão, incluindo o tempo de fala de cada um e a sequência das intervenções. Os pontos de vista podem ser contrapostos ou complementares. Ao vivo ou gravada, a mesa-redonda ou debate permite a participação dos ouvintes por meio de perguntas dirigidas aos participantes. Trata-se de um gênero jornalístico largamente empregado no rádio.

Tais descrições, conforme já explicitado anteriormente, compõem a versão inicial de um trabalho de identificação e classificação dos gêneros jornalísticos do rádio que se encontra em fase preliminar. A pesquisa pretende analisar as diferentes modalidades de relatos, empregando um mesmo conjunto de variáveis descritivas para todo o repertório de gêneros jornalísticos. O percurso metodológico permitirá ordená-los de modo homogêneo (classificação a partir de uma mesma perspectiva), exaustivo (que englobe todas as modalidades) e operativo (que diferencia os gêneros entre si de uma forma prática e eficaz). Dita estratégia metodológica tem como referência o modelo precursor de Martinez-Costa e Herrera (2004) para o estudo dos gêneros radiofônicos, além de trabalhos que o próprio autor desenvolveu na investigação dos formatos de anúncio no âmbito da publicidade radiofônica.

Considerações finais

As contradições que apontam tanto Merayo Pérez (2002) quanto Martinez-Costa e Herrera (2004 e 2005), assim como a confusão terminológica entre gênero, formato, espaço e tipo de programa, indicam a necessidade de novas pesquisas que avancem na discussão do tema. O desenvolvimento de uma nova tipologia dos gêneros jornalísticos no rádio deveria

considerar as características da linguagem radiofônica presentes na produção da mensagem, recolhendo as modalidades expressivas que são próprias desse meio e explicando a função das diferentes classes de estrutura.

A atualização das classificações disponíveis na atualidade interessa tanto aos jornalistas como aos leitores, ouvintes e telespectadores. Se, por um lado, os gêneros servem como modelo de enunciação, sendo uma ferramenta de trabalho que facilita a tarefa de escrever, por outro funcionam como um modelo de recepção, que permite à audiência a compreensão sobre a finalidade de um determinado texto e a atitude com que o jornalista encara a realidade.

Desse modo, a continuidade do presente estudo contribuiria para melhorar o ensino dos gêneros jornalísticos e redundaria em um substancial benefício para a profissão radiofônica, uma vez que estimularia a criatividade na oferta de conteúdos e facilitaria o diálogo com o ouvinte. O modelo esboçado neste trabalho considera, em princípio, os pontos-chave que afetam o processo de emissão das mensagens e, como hipótese, seus âmbitos de caracterização estender-se-iam a diferentes mercados e contextos socioeconômicos, geográficos e culturais.

Objetivamente, a proposta se baseia na identificação, descrição e classificação dos gêneros jornalísticos veiculados no rádio a partir das seguintes variáveis: as diferentes vozes que intervêm na emissão da mensagem; as técnicas narrativas empregadas na construção do texto; a finalidade do relato; as características gerais de estilo; a utilização de fundos musicais; o emprego de efeitos sonoros; as pausas, entonações e espaços de silêncio; o modo de

emissão; o tipo de inserção; o contexto de difusão; as condições de uso e o percurso sócio-histórico do gênero; o tempo ou duração do relato etc. Com isso, a investigação busca estruturar uma taxonomia que leve em conta as peculiaridades da linguagem radiofônica, posto que referidos âmbitos descritivos conformam algumas características que distinguem o rádio de outros meios e que, em consequência, impõem um marco próprio de funcionamento.

As definições apresentadas no curso do trabalho constituem as conclusões preliminares de uma pesquisa teórica que se encontra em fase inicial e que será complementada com a descrição das principais modalidades de relatos jornalísticos a partir da análise empírica de casos de estudo. Nesse sentido, numa próxima oportunidade, a investigação também poderia avançar na compreensão de outros gêneros e formatos, entre os quais se incluiriam o interpretativo, o diversional e o utilitário, no campo do jornalismo, e as categorias entretenimento e teleducação, no conjunto do universo midiático.

Assim mesmo, a diversidade de gêneros que configura o radiojornalismo na atualidade mostra o dinamismo de uma atividade que se ajusta às diferentes necessidades da prática profissional. Neste contexto, não existem estruturas fechadas ou imutáveis. Toda tipologia é uma obra em marcha.

Referências

- BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1994.
- BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CEBRIÁN HERREROS, M. **Información radiofónica**: mediación técnica, tratamiento y programación. Madrid: Síntesis, 1994.

FAUS BELAU, A. **La radio**: Introducción al estudio de un medio desconocido. Madrid: Guadiana, 1973.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. São Paulo, 1992.

LUCHT, J. M. P. Gêneros no radiojornalismo. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 269-290.

MARANGONI, N. **Programação jornalística vinte e quatro horas por dia**: O pioneirismo da CBN – Central Brasileira de Notícias. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009a.

_____. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32., 2009b, Curitiba. **Anais**.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P. **Actualización de las teorías de los géneros periodísticos desde las aportaciones de las categorías literarias**. 1989. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidad de Navarra, Pamplona.

_____. El proceso de escritura de la información radiofónica. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P. (Coord.). **Información radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2002. p. 97-119.

_____.; HERRERA, S. Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España. Luces y sombras de los estudios realizados hasta la actualidad. **Comunicación y Sociedad**, v. 1, n. XVII, p. 115-143, 2004.

_____.; _____. **Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos**. Disponível em: <http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo_7.html>. Acesso em: 17 out. 2005. p. 15-30.

MERAYO PÉREZ, A. **Para entender la radio**: estructura del proceso informativo radiofónico. Salamanca: UPSA, 1992.

_____. La construcción del relato informativo radiofónico. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P. (Coord.). **Información radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2002. p. 59-96.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, 1997.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, 1992.

OLMO, J. S. **Nueva radio para nuevos tiempos con nuevos modos entre nuevos medios**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo, 1998.

PRADO, E. **Estructura de la información radiofónica**. Barcelona: ATE, 1981.

REIS, C. **La publicidad radiofónica**: los formatos de anúncio y el mercado de la radio de Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Navarra, Pamplona-Espanha.

_____. **Propaganda no rádio**: os formatos de anúncio. Blumenau: Edifurb, 2008.

_____. Pacto de leitura ameaçado: O opinionismo nas emissoras de rádio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32., 2009, Curitiba.

_____.; ZUCCO, F. D.; RAMOS, P. Os gêneros jornalísticos nas emissoras de rádio de Blumenau. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 30., 2007, Santos.

RUSSEL, J. T.; LANE, W. R. **Kleppner's advertising procedure**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

SÁNCHEZ, J. F.; LÓPEZ PAN, F. Tipologías de géneros periodísticos en España: hacia un nuevo paradigma. **Comunicación y Estudios Universitarios**, n. 8, p. 15-35, 1998.

SCHULBERG, B. **Publicidad radiofónica**. Cidade do México: McGraw-Hill, 1992.